

A CULTURA DO RENDAR: APRENDENDO COM OS SABERES E FAZERES DAS RENDEIRAS NO MUNICÍPIO DE RAPOSA-MA

The culture of lacing: learning from the knowledge and doings of lace makers in the municipality of Raposa-MA

La cultura del encaje: aprendiendo del conocimiento y el hacer de las encajeras del municipio de Raposa – MA

Dulcineia de Fátima Ferreira¹

Universidade Federal do Maranhão - UFMA
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5654-0098>

Claudio Vieira Silva²

Universidade Federal do Maranhão - UFMA
ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5410-3752>

Jaqueline Santos Diniz³

Universidade Federal do Maranhão - UFMA
ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2550-1377>

Dolores Costa da Costa⁴

Universidade Federal do Maranhão - UFMA
ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0298-050X>

1 Professora Associada III da Universidade Federal do Maranhão (UFMA- Campus São Luís). Vinculada ao Departamento de Educação II. Pós-doutorado em Cultura Popular junto à Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Integrante do NuRuNi (Núcleo de Extensão e pesquisa com populações e comunidades Rurais, Negras Quilombolas e Indígenas- UFMA- MA) e do JUVGET (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Juventude, Gerações e Temas Contemporâneos - UFSCar- SP) Eixos temáticos: Educação, Cultura e políticas de subjetivação, Educação popular, Cultura Popular e processos educativos; Educação de Jovens e Adultos, Educação como prática da liberdade. E-mail: dulcineia.ferreira@ufma.br

2 Graduando do curso de Enfermagem pela Universidade Federal do Maranhão. Integrante do grupo PET Conexões Populares na modalidade de bolsista. E-mail: Claudiosilvav07@gmail.com

3 Graduanda do curso de Enfermagem pela Universidade Federal do Maranhão. Integrante do grupo PET Conexões Populares na modalidade de bolsista. E-mail: diniz.jaqueline@discente.ufma.br

4 Graduanda do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão. Atualmente participa como ligante da Liga Acadêmica de AIDS e Infecções Sexualmente Transmissíveis (LAAIS-UFMA) e da Liga Acadêmica de Pediatria (LAPED-UFMA); faz parte do Grupo de Pesquisa e Extensão em Tecnologias na Enfermagem (GPETE), e é Coordenadora discente do projeto Saúde na Escola do Grupo de Extensão em Aleitamento Materno (GEAMA). E-mail: dolores.cc@discente.ufma.br

RESUMO

Este artigo é fruto de uma pesquisa que realizamos junto ao Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de saberes em comunidades populares da Universidade Federal do Maranhão (UFMA - *campus* São Luís). Compartilhamos parte do vivido e aprendido com a experiência do projeto de pesquisa intitulado "A Cultura do Rendar: Saberes e fazeres das comunidades populares". Temos como objetivo compartilhar saberes e fazeres das rendeiras e a cultura do rendar no município de Raposa – MA. Tomamos como abordagem metodológica a cartografia, pois o que nos interessa é acompanhar processos. Acreditamos que ao mergulharmos nos saberes e fazeres das tradições populares, fortalecemos nossa relação com as comunidades populares e tradicionais. No lugar do distanciamento, desvalorização e apagamento da cultura local, contribuimos com a valorização e a criação de uma postura multicultural frente ao mundo, colaborando com a consolidação das políticas de ações afirmativas de inclusão e diversidade na UFMA.

Palavras-chave: rendeiras; cultura do rendar; comunidade popular; município Raposa.

ABSTRACT

This article is the result of research we carried out with the Tutorial Education Program (PET) Connection of knowledge in popular communities at the Federal University of Maranhão (UFMA)-campus São Luís). We share part of what we lived and learned from the experience of the research project entitled "The Culture of Rendar; Knowledge and practices of popular communities". We aim to share the knowledge and practices of lacemakers and the culture of lacemaking in the municipality of Raposa-MA. We take cartography as a methodological approach, as what interests us is monitoring processes. We believe that by immersing ourselves in the knowledge and practices of popular traditions, we strengthen our relationship with popular and traditional communities. Instead of distancing, devaluing and arasing local culture, we contribute to the valorization and creation of a multicultural stance towards the word, collaborating with the consolidation of affirmative action policies for inclusion and diversity at UFMA.

Keywords: lacemakers; lace culture; popular community; Raposa municipality.

RESUMEN

Este artículo es fruto de una investigación que realizamos junto al Programa de Educación Tutorial (PET) Conexiones de saberes en comunidades populares de la Universidad Federal de Maranhão (UFMA - *campus* São Luís). Compartimos parte de lo vivido y aprendido con la experiencia del proyecto de investigación titulado "La Cultura del Rendar: Saberes y faceres de las comunidades populares". Tenemos como objetivo compartir conocimientos y haceres de las rentas y la cultura del rendar en el municipio de Raposa – MA. Tomamos como enfoque metodológico la cartografía, pues lo que nos interesa es seguir procesos. Creemos que al sumergirnos en los saberes y hechos de las tradiciones populares, fortalecemos nuestra relación con las comunidades populares y tradicionales. En lugar del distanciamiento, devaluación y borrado de la cultura local, contribuimos con la valorización y la creación de una postura multicultural frente al mundo, colaborando con la consolidación de las políticas de acciones afirmativas de inclusión y diversidad en la UFMA.

Palabras clave: rendeiras; cultura del rendar; comunidad popular; municipio Raposa

Introdução

Este artigo é fruto de uma pesquisa que realizamos junto ao Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de saberes em comunidades populares da Universidade Federal do Maranhão (UFMA - *campus* São Luís). Neste PET temos como objetivo fortalecer a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão a partir da relação universidade - comunidades populares.

Aqui compartilhamos parte do vivido e aprendido com a experiência do projeto de pesquisa intitulado “A Cultura do Rendar: Saberes e fazeres das comunidades populares”. Tivemos como objetivo mergulhar nos saberes populares ou “ecologia de saberes” (Boaventura Sousa Santos, 2004) presentes nas comunidades populares/tradicionais, estabelecendo um diálogo entre os saberes.

Acreditamos que ao mergulharmos nos saberes e fazeres das tradições populares, contribuímos com a criação do que Michel de Certeau (2012) chamou de uma constelação de referências. No lugar do distanciamento, desvalorização e apagamento da cultura local, contribuímos para a valorização e a criação de uma postura multicultural de modo a contribuir com a política de diversidade na UFMA, e na formação acadêmica dos(das) petianos (as) tão necessária para que as ações afirmativas em defesa da equidade socioeconômica, étnico-racial e de gênero se consolidem.

Antes de irmos a campo, realizamos diversos estudos e discussões que tiveram como ponto de partida o distanciamento entre o nosso local de origem e a universidade. Conseguimos perceber que muitas vezes, ocorre um processo de desvalorização e apagamento das tradições presentes nas comunidades populares de onde viemos, ou de onde vieram nossos pais. Discutimos sobre como a “política de subjetivação em curso” (Suely Rolnik, 2011), e como ela vem atuando sobre nosso modo de viver produzindo, silenciosamente, o desenraizamento das nossas origens.

Tomamos como abordagem metodológica a cartografia (Virginia Kastrup, 2012; Rolnik, 2011), pois o que nos interessa é acompanhar processos. Coletivamente acolhemos a proposta de tecermos uma aproximação com as rendeiras da comunidade popular das rendeiras no município de Raposa (MA). Como cartógrafos nos lançamos no desafio de “habitar o território existencial” (Eduardo Passos; Johnny Alvarez, 2012) das rendeiras.

Habitar um território existencial, diferente da aplicação da teoria ou da execução de um planejamento metodológico prescritivo, é acolher e ser acolhido na diferença que se expressa entre os termos da relação: sujeito e objeto, pesquisador e pesquisado eu e o mundo. (Passos; Alvarez, 2012, p. 148)

Durante os anos de 2022 e 2023, tecemos aproximações com cinco rendeiras que moram e comercializam suas rendas no corredor das rendeiras, avenida principal da cidade - Raposa - MA. Foram visitas dialógicas com registros fotográficos seguidos de anotações, reflexões com o grupo PET.

Antes de irmos a campo pontuamos, no grupo PET, diversos aspectos importantes que poderiam ser estudados e registrados com a pesquisa. Dentre as possibilidades estavam as condições de saúde das rendeiras, que poderiam ser analisadas a fim de identificar possíveis estressores decorrentes da prática do render, visto que se apresenta como uma atividade repetitiva de trabalho e que demanda esforço físico, principalmente das mãos das rendeiras, que muitas vezes rendam da maneira mais rápida possível a fim de poupar tempo e aumentar a produção. Sabemos

que os trabalhos artesanais costumam gerar, nos/as artesãos e artesãs, a presença de dores articulares, lombares, enxaquecas e alterações na visão em decorrência da repetição e posição em que estas ficam durante a atividade⁵.

Outro aspecto que nos chamava a atenção para a análise estava relacionado à identidade cultural das rendeiras. Como elas se veem e como se relacionam com o fato das rendas serem uma marca da cidade, do município de Raposa ser identificado como "A cidade das Rendeiras". Criando, portanto, toda uma referência e um possível prestígio social influenciando diretamente na forma como se veem.

Tínhamos estes eixos que gostaríamos de aprofundar, mas fomos abertos para a escuta. Ao chegarmos no local, nos aproximamos das rendeiras que ali estavam com a porta da sua casa aberta confeccionando suas artes, ou em suas lojas. Nos apresentamos e apresentamos o projeto. Fomos acolhidos por elas e como cartógrafos/as ficamos gratos/as e iniciamos uma conversa livre, com questões abertas. Assim, dialogamos e acolhemos suas narrativas e passamos a cartografar a forma como a cultura do rendar adentrou em suas vidas, quem foram as/os responsáveis por lhes ensinar, qual era o papel da renda na sua história, se elas se viam como zeladoras de uma cultura que se materializa na identidade da cidade.

A conversa fluiu e seguiu diversos rumos, a partir da individualidade de cada rendeira. A todo instante tiveram liberdade de falarem sobre questões que não havíamos perguntado, como sobre sua vida, sua história, seus anseios, suas reclamações, suas preocupações, contribuindo assim para que pudéssemos nos aproximar dos saberes e fazeres presentes na cultura do rendar.



Imagem 1: nossa aproximação - Fonte: autorxs

⁵ Podemos afirmar, pois os discentes, coautores deste texto são estudantes de enfermagem na UFMA já em período de estágio.

O local da pesquisa: Raposa Terra do Artesanato Renda de Bilro



Imagem 2: Paisagem cidade Raposa - Fonte: autorxs

Fundada por cearenses, em 10 de novembro de 1994, o município de Raposa – Maranhão, está localizado a 25.9 km de São Luís, capital do estado. Com seus 29 anos de idade, o município ocupa a vigésima quinta posição na classificação por IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). É importante destacar que “de todos os municípios do estado, nenhum município registrou um IDH muito alto, enquanto 4 apresentaram um IDH alto, 55 IDH médio, 154 municípios IDH baixo, e 4 municípios IDH muito baixo” (WIKIPEDIA, 2024). Neste caso o Município em questão está classificado com IDH médio. Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), possui uma população de aproximadamente 30.839⁶ e carrega consigo de modo muito explícito a cultura artesanal da pesca e das rendas.

A cidade de Raposa vem ganhando destaque no campo do turismo pela beleza natural composta por um misto de paisagens que envolvem dunas, rios, mangues e mar com a fauna e flora preservadas. Estas características naturais de pequenas dunas têm contribuído para que o município seja conhecido como as “fronhas maranhenses”, em alusão aos Lençóis Maranhenses. Além de toda esta beleza natural, o município também conta com os encantos da cultura do rendar, a tal ponto que esta tradição se tornou característica da cidade. Ao chegarmos no município passamos pela avenida principal intitulada “corredor das rendeiras”.

⁶ Dados do IBGE, 2022



Imagem 3: Placa sinalizando o "corredor das rendas". Fonte: autorxs

Recentemente, no dia 18 de abril de 2024, foram sancionadas duas importantes leis no estado do Maranhão que elevam o artesanato Renda de Bilro à condição de Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial e Cultural do Estado, e que reconhecem Raposa como Terra do Artesanato Renda de Bilro. Demonstrando assim a importância atrelada a confecção desta arte no município.

As rendeiras



Imagem 4: A rendeira. Fonte: autorxs

As rendeiras fazem parte do imaginário popular brasileiro, os cantadores populares cantaram e cantam até os dias de hoje uma cantiga que tem a rendeira como inspiração: "Olê muié rendeira, olê muié rendá... tume ensina fazer renda, que eu te

ensino a namorar...". Esta cantiga, levando as mulheres rendeiras e o seu rendar, se espalhou por todo Brasil, da mesma forma a cultura do rendar se espalhou para alguns lugares do Brasil. Aqui nos debruçamos sobre a cultura do rendar no município da Raposa - MA.

Ofício transmitido de geração em geração se enraizou e se fortaleceu com o passar do tempo. "Com forte ligação histórica, a atividade das rendas fixou-se no estado a partir do início da segunda metade do século XX" (Thiago Bastos, 2024). Com a necessidade de se criar fontes de rendimento a prática se transformou em tradição na região e adquiriu uma forte relevância social e econômica (Carolina Avancini, 2017).

As mulheres rendeiras que hoje compõem a cultura popular do Nordeste nem sempre tiveram este destaque. Conforme Terezinha Bandeira Pimentel Drumond (2006), no início, as rendas eram fabricadas no espaço do lar e não obedeciam a um horário certo. Eram feitas em meio às atividades corriqueiras de dona-de-casa.

Caminhando entre o passado e o futuro, as linhas e o rendar unem essas mulheres e suas tradições, construindo uma riqueza cultural que se transformou no símbolo na cidade. Com uma organização própria, as rendeiras trabalham em grupo de colegas ou familiares, sob a liderança de uma rendeira mais velha, uma mestra para tecer as rendas, confeccionar os mapas dos desenhos que orientarão o caminho do rendar, neste trabalho coletivo conversam, trocam ideias sobre os pontos e sobre a vida, disponibilizam seus mapas de rendas, tecem redes afetivas de apoio e solidariedade, admiram e contemplam o trabalho da companheira, se inspiram e coletivamente seguem seu ofício que na sua grande maioria, foi aprendido com a sua mãe que também era rendeira. Este trabalho coletivo vai reafirmando o sentimento de pertencimento e de identidade favorecido pelo compartilhamento de valores e histórias enquanto tecem rendas, trocam ideias, aprendizagem, validando um caráter de pertencimento identitário, beneficiado pelo compartilhamento de histórias e valores, envolvidas por diversos vínculos socioculturais, artísticos e econômicos (Jefferson Duarte, 2011; Avancini, 2017).

Pertencer a uma família de rendeiras certamente foi fundamental para que a "menina" brincasse de rendar e observasse sua mãe e tias rendando e, assim, fazendo parte desta cultura do rendar aprendesse esta arte e ofício. Esse aprendizado que vai acontecendo entre as brincadeiras de criança, mais tarde é reforçado pelos ensinamentos da mãe. As rendeiras em sua maioria são mulheres idosas, que carregam histórias, vivências, saberes e ensinamentos únicos e valiosos. É importante lembrar que a cultura vai se modificando ao longo do tempo e o processo do rendar, do ensinar e aprender também vai se transformando.

Durante esta pesquisa pudemos ouvir das rendeiras que, hoje em dia, nem sempre as filhas querem aprender a arte do rendar, mas a paixão pela renda - e em que ela pode se transformar - continua sendo a maior motivação, pois no tecer cotidiano as mulheres vão se constituindo como rendeiras, se reconhecendo e se afirmando como tal.



Imagem 5: rendeiras e o rendar. Fonte: autorxs

Embora exista um grande envolvimento e satisfação pessoal neste fazer cotidiano do rendar, as rendeiras sentem e reconhecem que existe uma desvalorização local sobre suas produções. Realizam o trabalho de maneira informal, sem uma renda fixa e sem o devido reconhecimento social e econômico. O tipo de trabalho desenvolvido pela mulher rendeira, da maneira que se “aculturou” no Brasil, não obedece a padrões regulares de trabalho, nem legalmente, nem costumeiramente, com jornadas ou salários definidos: é um ofício de subsistência, de necessidade, de dom, de cultura, de meio de vida (Maria Luiza Pinto de Mendonça, 1961).

Em suas falas denotam nostalgia ao lembrar do tempo em que sua prática era valorizada, onde conseguiam tirar sustento por meio de sua arte, a valorização e apreço para com elas e sua arte era algo real e fácil de ser visualizado. A mulher rendeira faz sua renda enquanto cuida do almoço, do filho pequeno, da casa, do marido, do pai doente. É uma atividade que permite infinitas interrupções sem prejudicar sua confecção, afinal havia sido criada para isso, para preencher as horas vagas (Mendonça, 1961).

Atualmente, afirmam continuar rendando por ser algo que lhes agrada, que faz passar o tempo, que lhes causa prazer e carrega felicidade, visto que a valorização não se encontra tal qual nos anos já corridos. As rendeiras continuam a exercer seu legado pelo fato que essa arte vai muito além das condições materiais atuais, essa função se dá por causas muito mais abrangentes, e o olhar delas diante do que a prática do tecer lhe proporciona leva essa atividade viva até os dias atuais. O maior interesse dessas mulheres é conservar essa tradição e não deixar essa prática cair no esquecimento. Até em casos que não o produz por inteiro, ainda assim é capaz de ver o produto acabado, vê o que fez, compreende o resultado de seu esforço em relação ao todo, conhece o processo, no mesmo ato a artesã, o artesão “brinca e trabalha” (Wright Mills, 1979).

A renda, o rendar



Imagem 6: a renda e o rendar; Fonte: autorxs

Conforme Doralécio Soares (1987), a renda de agulha surgiu em fins do século XV, início do século XVI, na Itália, como uma alternativa ao trabalho de bordado e foi estimulada por Luís XIV com o desenvolvimento das rendas de agulha na França, depois estimulou a Inglaterra e Bruxelas. Em Portugal, a produção das rendas de bilros atingiu o seu esplendor nos séculos XVI e XVII e concentrou-se na Orla Marítima açoriana, especificamente em Vila do Conde, nas ilhas da Madeira e Açores. A circunstância das rendeiras portuguesas terem vindo de áreas costeiras pode ser um dos fatores que influenciaram para que, também no Brasil, a proximidade do mar e em seguida os rios tenham sido fatores decisivos para sua permanência e difusão nestas regiões.

São vários nomes que definem a atividade do rendar: fazer renda, rendar, renda de almofada, renda de bilro. A origem da palavra renda não é bem conhecida, mas de acordo com algumas definições encontradas nos dicionários, a renda é como lavar de agulhas ou ainda como tecidos muito finos e abertos, trabalho feito à mão, baseado em entrelaçados que formam desenhos que são usados para fabricação de roupas, desenhos, roupas de camas e etc. (Ferreira, 1986, p. 1484).

Conforme apresentado pelas rendeiras, a renda é produzida em um reboleiro que é um cilindro tipo uma almofada redonda cheia de palha ou algodão, coberta de pano grosso e recoberto com um tecido mais fino. O tamanho do reboleiro pode variar dependendo do tamanho da peça que se vai rendar este reboleiro fica apoiado em um suporte de madeira.



Imagem 7: Rebolos. Fonte: autorxs

A renda tem um significado que perpetua gerações anteriores que chegam até os dias de hoje. Mulheres que, a exemplo de suas mães e avós, ensinaram as filhas, esta cultura do rendar desde o trocado dos fios à fabricação dos instrumentos de trabalho. As rendeiras dedicam grande parte das suas vidas ao aperfeiçoamento e manutenção da tradição do rendar dentro do município, com tentativas para repassar a cultura para a atual geração, mas como foi dito poucos demonstram interesse em aprender e dar continuidade a esta cultura tão bonita já consolidada. Elas nos contaram que em períodos distintos algumas oficinas do rendar foram oferecidas para crianças e jovens, em escolas e espaços da prefeitura, mas esta não é uma prática sistemática, deste modo podemos afirmar que existe uma urgência na criação de políticas públicas que auxiliem na salvaguarda deste patrimônio cultural que está ameaçado de desaparecimento.

Condições de vida

Ao habitarmos o território existencial das rendeiras do município de Raposa com sua beleza natural e cultural, deparamo-nos com a realidade socioambiental de degradação que infelizmente ainda faz parte do cenário das comunidades populares. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de mortalidade infantil média na cidade é de 17,13 para 1.000 nascidos vivos e as internações devido a diarreias são de 16,2 para cada 1.000 habitantes. Ao percorrermos as ruas principais percebemos que o município não possui um sistema de coleta de lixo, tratamento de água e esgoto eficiente. É possível observar lixo e esgotos sendo despejados no mangue que faz fundo das casas da avenida das rendeiras.

Durante nossas caminhadas pelo corredor das rendeiras no município observamos uma proximidade com o mangue, o que acarreta em odores fortes e desagradáveis, lixos espalhados e mal coletados, enchentes, risco de infiltração, gerando uma série de implicações negativas relacionadas à saúde humana, como

doenças parasitárias, dermatológicas, respiratórias e principalmente as de veiculação hídrica como a hepatite A e problemas intestinais que acabam trazendo consequências maiores a crianças.



Imagem 7: problema socioambiental. Fonte: autorxs

Esta situação coloca a população em uma situação exposta e vulnerável a diversos fatores de riscos; o aterramento dos manguezais para a construção de moradia e a ausência de saneamento básico por parte dos representantes legais, pode acarretar além das doenças já citadas a cólera, dengue, verminoses e doenças decorrentes da disseminação de ratos, moscas e baratas. Um ambiente ecologicamente equilibrado possibilita mais saúde e qualidade de vida, no entanto, com o crescimento populacional da Raposa, urge políticas que controlem a deposição de lixo e resíduos domésticos em regiões de mangues que além de serem preservados, representam um grande fator de risco para a saúde coletiva (Luciney de Jesus Costa da Silva, 2008).

Embora a ideia de promoção da saúde tenha se tornado uma força vital no novo movimento de saúde pública, no qual a saúde é vista como um fenômeno social que diz respeito à qualidade de vida (Elsa Maria de Souza e Emily Grundy, 2004). Esta questão envolvendo a saúde das rendeiras torna-se algo abrangente, pois não é somente pensar no aspecto do cuidado individual, mas a promoção de saúde passa por diversos problemas ambientais, sociais, econômicos. Trata-se de pensar e promover políticas públicas que envolvam ações e condições contínuas de atenção e cuidado.

Sabemos que as mudanças não são tão simples e fáceis de acontecerem. Para que essas condições sejam de fato alcançadas, o movimento de promoção de saúde tem que tornar a ação intersetorial uma prática mais tangível, o que requer alianças interdisciplinares consistentes e o desenvolvimento de movimentos comunitários suficientemente fortes para influenciar as políticas públicas (Souza e Grundy, 2004).

Pelos estudos, e visitas que realizamos ao território existencial das rendeiras do município de Raposa, podemos afirmar que além das questões socioambientais, a saúde das rendeiras está intimamente relacionada à cultura do rendar, pois durante várias horas do dia, elas permanecem sentadas, com as costas curvadas e a cabeça voltada para baixo, na direção da almofada, fazendo com que tenham queixas recorrentes de dores nas articulações, lombalgia, dores de cabeça e alterações na visão, além disso, o fato de ficarem muitas horas sentadas provoca, também, dores nas pernas e problemas de circulação, afetando sua qualidade de vida, visto que é uma atividade repetitiva que demanda esforço físico, um olhar aguçado e muita concentração.

O correto é que todas tivessem acesso a um serviço de saúde público adequado, mas infelizmente esta não é a realidade encontrada. Algumas relataram que não são assistidas da forma que suas necessidades de saúde exigem e que possuem muita dificuldade para se deslocar para a unidade de saúde, pois já são senhoras com uma idade avançada e possuem dificuldade de locomoção.

Embora a prática prolongada do rendar possa trazer consequências para a visão, coluna e pernas, aprendemos com as rendeiras que a cultura do rendar é uma potência em suas vidas, apresentando benefícios para sua saúde, principalmente para a saúde mental. Várias afirmaram que o mais importante deste rendar é que ele contribui para elas se manterem ativas, em contato com pessoas, em processo de criação, de modo a ocupar seu tempo, sua cabeça e o corpo de forma criativa e produtiva em contato com a beleza desta arte. Algumas rendeiras chegam a equipará-la a uma atividade terapêutica: "Fazer renda é a minha terapia!".

Quanto às condições socioeconômicas, as rendeiras seguem seu caminho no tecer da vida, criaram uma Associação das Rendeiras Bilro de Ouro⁷, algumas conseguiram ter seu negócio bem estabelecido, com loja física e com boa estrutura, mas não é algo que reflete a realidade da maioria, que possuem casas pequenas, com estrutura de palafitas e próximas ao mangue com suas lojas anexadas ao lar.



⁷ Conforme: <https://www.instagram.com/bilrodeouro/>. Acesso em: 10/07/2024

Imagem 7: Rendeira e sua loja. Fonte: autores

A prática do rendar no município de Raposa (MA) é uma das grandes manifestações artísticas que carrega consigo uma valiosa carga de representatividade e de identidade do ser rendeira espalhando para o próprio território esta identidade. Recentemente, no dia 18 de abril de 2024, foram sancionadas duas importantes leis no estado do Maranhão que elevam o artesanato Renda de Bilro à condição de Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial e Cultural do Estado, e que reconhecem Raposa como Terra do Artesanato Renda de Bilro. Ainda assim, encontra-se como uma expressão de arte que precisa de zelo e cuidado com estas mulheres rendeiras amantes deste ofício e zeladoras desta rica tradição.

Aprendizados que levamos conosco

Apesar de toda a notoriedade e impacto social que a cultura do rendar gera no município, são escassos os estudos que tenham como tema de pesquisa a cultura do rendar no município de Raposa (MA). Desta forma, optamos por focar nossos estudos nesta temática. Ao final da pesquisa, além de trabalhos acadêmicos no formato de artigo e resumos expandidos, produzimos uma exposição fotográfica com parte dos registros realizados. Nossa intenção é circular pelo município e pela região fomentando o diálogo com jovens, crianças e adultos destacando a beleza desta tradição, sua relevância social e cultural para todos os envolvidos. Aqui compartilhamos um pouco do que aprendemos sobre a cultura do rendar, as rendeiras e seus muitos desafios encontrados para perpetuarem essa tradição, principalmente devido ao desinteresse das gerações presentes nessa atividade. Nesse sentido, é interessante que haja um estímulo e ajuda por parte de representantes legais e órgãos representativos para estimular o interesse da nova geração, seja através do uso de tecnologias, e mídias sociais.

Implementar essa prática como possível atividade extracurricular junto as escolas e convidar profissionais que tenham expertise em publicidades e propagandas, podem ser uma das alternativas a serem usadas para mostrar e transformar o rendar em uma prática lucrativa que tenha potencial empreendedor e desperte o interesse dos jovens. Dessa forma, é de suma importância meios e políticas públicas que possam incentivar a continuidade da prática dessas mulheres, tão cheias de histórias a serem contadas, de técnicas a serem ensinadas, de vivências a serem compartilhadas, e por fim, de corações e sentimentos a serem tocados com a arte das rendas, com a arte do rendar.

Referências

AVANCINI, Carolina Julião. **Rendas nordestinas**: Cultura, identidade e design. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós Graduação em Gestão de Projetos Culturais). Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, da ECA/ Universidade de São Paulo (USP), 2017. Disponível em:

https://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/tcc_rendas_revisado_-_celacc_-_carolina_j_sem_sumario_25.04.pdf. Acesso em: 5 de junho, 2024.

BASTOS, Thiago. **Sete décadas de atividade**: rendeiras de Raposa e sua influência na economia. Disponível em: <https://imirante.com/oestadoma/noticias/2020/10/24/sete-decadas-de-atividade-rendeiras-de-raposa-e-sua-influencia-na-economia>. Acesso em: 10 de junho, 2024.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 2012.

DUARTE, Jefferson. Rendeiras, as mulheres que tecem dia a dia com finos fios. 09 de marc. 2011. In: **Blog do Jeffcelophane**. Disponível em: <https://jeffcelophane.wordpress.com/2011/03/09/rendeiras-as-mulheres-que-tecem-o-dia-a-dia-com-finos-fios/>. Acesso em: 02 de junho, 2024.

DRUMOND, Terezinha Bandeira Pimentel. **Tecendo vidas: cultura e trabalho das rendeiras da Prainha de Aquiraz-CE**. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2^a ed. (rev. e aum.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**: Panorama Raposa-MA, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/raposa/panorama>. Acesso em: 20 de maio de 2024.

KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MENDONÇA, Maria Luiza Pinto de. Algumas Considerações sobre Rendas e Rendeiras do Nordeste. **Separata do Boletim do Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará**, 1961.

SOUZA, Elsa Maria de; GRUNDY, Emily. Promoção da saúde, epidemiologia social e capital social: inter-relações e perspectivas para a saúde pública. **Cad. Saúde Pública** vol.20 no.5 Rio de Janeiro Sept./Oct. 2004.

MILLS, Wright. **A nova classe média**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

PASSOS, Eduardo; ALVAREZ, Johnny, 2012. Cartografar é habitar um território existencial. In: KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana . (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012, p .131- 149.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: _____. (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004. p. 777-821.

SILVA, Luciney de Jesus Costa da. **The State as Environmental Indicator in Quality Of Life Population**: an analysis of the health and environment in the urban center of municipality of Raposa, Maranhão, Brazil. 2008. 169 f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2008.

SOARES, Doralécio. **Rendas e Rendeiras da ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: FCC Edições, 1987.

WIKIPEDIA, **Lista de municípios Maranhão por IDH-** 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_munic%C3%Adpios_do_Maranh%C3%A3o_por_IDH-M. Acesso em: 02 de junho, 2024.

Recebido em 12/07/2024

Aceito em 15/08/2024